

Título	Enquanto bebo a água, a água me bebe	Autor	Cadu e Clarissa Diniz
Data	2016	Artista	Lucia Laguna
Publicação	DINIZ, Clarissa; CADU. <i>Enquanto bebo a água, a água me bebe</i> . Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2016. (texto de exposição)		

---

## Enquanto bebo a água, a água me bebe

A raposa sabe muitas coisas, mas o ouriço sabe uma coisa importante.

Arquíloco

### a. Cosmologia

Há lugares que nascem com a vocação para o trabalho, atualizando os modos e as alegorias do labor e do sacrifício. Solos sacros, continuamente profanados e purificados pelos afazeres daqueles que ali pisam. Somos conduzidos para um em particular pela travessia de um jardim estreito, um labirinto de corredor único, uma ruazinha arborizada constituída de memórias. Respirar esse horto é uma delicada afinação que prepara os pulmões a ascender por 30 degraus também estreitos, que culminam num longo cômodo, o atelier de Lucia Laguna. Este já foi fábrica de brinquedos; hoje fornece os andaimes que estruturam suas novas paisagens. Sempre foi, contudo, uma espécie de escola.

Trata-se de um reino improvável, a um só tempo vasto e mínimo, de evidente introversão, ao passo que simultaneamente acessível. Um lugar que, ao ser contemplado, incorpora não somente a cratera de Vulcano, mas os domínios de Mercúrio. Pois estamos diante de truques ágeis, vistas aéreas, voos rasantes, em que o muito perto e o muito longe espelham as leis nas quais o microcosmo e o macrocosmo se refletem em correspondência. Através da ortogonalidade dos eixos que atuam – na vertical profunda de Hefesto, em que os minerais encontrados são as estrelas que guiam o voo ligeiro de Hermes; e na horizontalidade vasta das miradas do alado, que só ganham contorno através do pedestre deslocamento telúrico nas forjas do artesão – temos a coleante relação de movimentos, que Ítalo Calvino afirmou serem constitutivas do criador.

Ali revelam-se dois meios de comunicação, possibilidades extremas entrelaçadas; uma manifestada diante daquilo que foi realizado, e outra das consequências éticas cotidianas do trabalho da realização. É preciso entender que o que se apresenta diante dos olhos nada mais são do que desdobramentos de uma postura para com o mundo. A lida daquele que cria é libertar-se de toda a impaciência, de descolar seu tempo do tempo dos outros e permitir aos ovos – que gestam ditosamente da nutrição do próprio ninho – eclodir sob a forma de objetos, sentidos e gramáticas. No ateliê de Lucia Laguna não seria diferente. Da feminina sabedoria da artista emana, porém, uma especial singularidade no modo de alimentar e dirigir suas intermináveis metamorfoses, numa combinação precisa entre mobilidade e concentração, a qual constitui não somente o seu trabalho, como também aquilo que faz, dele, um lugar de aprendizado mútuo.

O professor ensina aquilo que quer aprender. Estabelece um diálogo com seus satélites que, em trajetórias regressas, narram aquilo que viram. Aqueles próximos relatam o que vivem, ao mesmo tempo que se impregnam daquilo que a mestra sonha. Antes do mundo ser visto, precisa ser sonhado. E é através destes sonhos coletivamente sonhados que surgem superfícies que incorporam os marcos das constelações de ciganos parceiros, que toleram e aceitam o que “já vem começado”, mas que necessita ainda de tudo para existir. Mais do que “assistentes de artista”, as criaturas que com Lucia Laguna partilham o atelier, a escola e as pinturas são parte inextricável de sua cosmologia.

Título	Enquanto bebo a água, a água me bebe	Autor	Cadu e Clarissa Diniz
Data	2016	Artista	Lucia Laguna
Publicação	DINIZ, Clarissa; CADU. <i>Enquanto bebo a água, a água me bebe</i> . Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2016. (texto de exposição)		

---

## b. Topologia

No Museu do Prado (Espanha), encontrou a pintura *El descendimiento de la Cruz* (Van der Weyden, 1435). Ali viu, pela primeira vez, uma imagem sacra não mais pelos véus da crença, mas pela fé na arte. Encarando-a, a aspirante Lucia tornava-se a pintora Laguna, assumindo, como problema estético, a política de conformação cultural que se enunciava naquela pintura, onde personagens dobram e constroem seus corpos para caber na moldura imposta. Se ali o estreitamento e a planificação das formas estavam sob a égide de um discurso de conformação, por sua vez, Lucia Laguna levará à radicalidade essas estratégias pictóricas, assumindo e explorando formas instáveis, relutantes em se conformar, o que se tornará parte do lugar político de sua obra.

Assim, ao longo dos primeiros anos – e, em especial, na série *Entre a linha vermelha e a linha amarela* (2002 - 2005) – dedica-se a libertar-se dos elementos escultóricos da pintura. Volume, sombra, profundidade e perspectiva passarão a habitar a planaridade do enquadramento da janela de seu estúdio. Dali a artista constitui o mundo. O vasto cabe na ventana, enquanto, por vezes, o mínimo transborda a imensidão. Invertendo grandezas, sua obra faz, da semente, uma cabana. Do traçado, uma cidade. Mas não porque a inversão das grandezas da miniatura lhe atrai, senão porque apresentam um acordo com o absurdo, com as ‘mecânicas do impossível’. Um pacto com a generosidade, dentre os vários de que necessita o artista para comentar o mundo. A medida que engrandece o mínimo, também apequena quimeras monstruosas, num sutil exercício de escalas que permite a passagem serena diante de um cenário incompreensível.

Laguna cria paisagens que são cartografias de um caminhante sem destino e sem pressa. Malhas sobrepostas, marcadas pelo tempo que age sobre a urbe e por entre a pintura. E por mais impressionantes que sejam estas paisagens, geografias-mundo de uma grafia imaginal de mundo ainda em insinuação, estamos diante de um conteúdo de impressões rotineiras, de cunho doméstico, que resumem o desejo da pintora de pairar sobre seus próprios fragmentos, sua própria história, sua própria espreita. Pinta tudo o que vê, e o que não se vê. O que paira. O halo delicado dos avistamentos do vale, da favela, e das vigílias solitárias durante a noite, quando a escuta atua mais que a equivocada visão. Esse é seu território, aquele que resume seu desejo de continuar a marcha, mesmo quando o deslocamento encerrou-se e tudo o que sobra para a navegante é confundir “porto” com “bordo”. Gentis e quase espelhadas palavras para aquele que indiscerne no horizonte céu de mar.

Há um palavra antiga que designava aquele que nunca estava em casa, ou que se sentia em casa onde quer que se encontrasse, *santerreador*. Nome dado aos peregrinos que a caminho de Jerusalém acabavam não completando a viagem e nem regressando ao lar. Esses andarilhos malditos, ao invés de serem percebidos como exemplos de fracasso e falta de persistência, poderiam ser entendidos como os mestres da errância, pois se adaptavam ao lugar que fosse e faziam destes espaços seus reinos. Não à toa, quando suas pinturas vão juntas habitar outro lugar, o museu, Lucia Laguna reencena o ritual da janela. Dali, pinta nova paisagem, testemunho de sua passagem por aquele pedaço do Rio que tanto tem habitado. Ao final do encontro, profere as palavras do satírico mandingueiro: “Vou com aquele que vai e fico com aquele que fica.”

Título	Enquanto bebo a água, a água me bebe	Autor	Cadu e Clarissa Diniz
Data	2016	Artista	Lucia Laguna
Publicação	DINIZ, Clarissa; CADU. <i>Enquanto bebo a água, a água me bebe</i> . Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2016. (texto de exposição)		

### c. Tempo

Suas pinturas reservam, assim, o tempo. Nelas, nada se apaga. Tudo é acúmulo. Tempo da artista e tempo do outro; temporalidade que incorpora os dias de sua existência e da vida daqueles que as fazem existir. Com seus corpos celestes, pintando em grupo e em constelação, Laguna produz a peculiar condição de um ciúmes construtivo, em que negocia aquilo que deseja com aquilo que não se pode abrir mão, mesmo que ofertado pelo outro. Seu jogo pictórico é desta natureza. Composto pelo vetor do sedentarismo e nomadismo, da crise e da certeza, da intuição e do conhecimento, mas sobretudo de sacrifícios visuais irreversíveis. Sabe que se conquista em proporção ao que se abandona, então cada quadro é a sedimentação de muitos outros, que deixam miragens de suas existências pela arqueologia colorida da tinta em camadas.

Suas pinturas não acabam, são abandonadas. Uma melhor maneira de dizer isso é escrever: “as lutas que cessam são as que renunciamos, não as que se encerram”.

### d. Economia

Estabelece-se uma economia particular. Os índices de pinturas passadas nutrem impulsos para os quadros futuros. Mesmo os restos – como as fitas que, depois de findarem sua demarcação no espaço pictórico, são retiradas – impregnam novas superfícies e, já repletas de história, gestam uma nova imagem. Sem começo, meio ou fim, e sem excedentes, a economia cumulativa de Lucia Laguna ecoa a relação com seus assistentes, com a cidade, com o tempo. Insinua-se, por entre suas microarquiteturas, também uma micropolítica.

Lucia incorporou esse chamamento através de seu interesse latente e extraordinário pelos outros. Foi assim quando ministrava aulas de português nos jardins do educandário, estimulando as crianças a escrever o que as formigas cochichavam, é assim quando os funcionários de sua antiga fábrica de brinquedos mantêm-se luas sob sua gravidade. É dessa circularidade, de conjugações, que continuam nascendo novas arquiteturas, como os chassis que emanciparam-se do avesso dos quadros para fulgurarem em objetos, ambos produzidos por um amigo e antigo colaborador, cuja sensibilidade se mantém propositora de novas espacialidades para a pintora.

A escola que se institui entre a artista e aqueles que frequentam seu atelier – auxiliares, amigos, familiares, colecionadores – é, decerto, um pólo de permutas e, como tal, de economia. Longe da ingenuidade da troca espontânea, de intenções mal ditas, assume seu lugar político no mundo e na arte. E traz, para o centro dessa moderação, aquilo que sobra. Ou melhor, aquilo que sobraría.

### e. Alteridade

O *outro* da obra de Lucia está, portanto, interiorizado naquilo que seria o mais inerente a si mesma. Alteridade constitutiva de quem faz do atelier um colégio, da casa o mundo, da pintura um diagrama de sociabilidade, das

<b>Título</b>	Enquanto bebo a água, a água me bebe	<b>Autor</b>	Cadu e Clarissa Diniz
<b>Data</b>	2016	<b>Artista</b>	Lucia Laguna
<b>Publicação</b>	DINIZ, Clarissa; CADU. <i>Enquanto bebo a água, a água me bebe</i> . Rio de Janeiro: Museu de Arte do Rio, 2016. (texto de exposição)		

---

amizades um *entorno* em que cabem tantos Cláudios, Davis, Arthurs, Tatianas e Sumaras<sup>1</sup> (carinho especial a Paulinho Pigmento, estrela que se apagou) – astros que, em relação, continuamente produzem rotas e desvios no cotidiano e na obra de Laguna.

Se a alteridade é não somente uma dinâmica de diferenciação relacional, mas também um jogo de correspondências em que equivalências são construídas e disputadas, de forma que *tudo o que está acima poderá estar também abaixo*<sup>2</sup>, então, como pequena lagoa que é, Lúcia reúne ao seu redor práticas e aliados que em seu regato vêm matar a sede. Mas, como dizem os maias, “enquanto bebo a água, a água me bebe.”

---

<sup>1</sup> Atualmente, Lucia conta com os assistentes Sumara Rouff, Cláudio Santos, Cláudio Tobinaga e Davi Baltar. Ao longo de sua trajetória, fizeram parte da equipe: Pollyanna Freire, Rafael Alonso, Arthur Chaves e Tatiana Chalhoub.

<sup>2</sup> Cf. Hermes Trismegisto